

## PROCESSO DE ENSINO MUSICAL COLETIVO EM ESPAÇO NÃO-FORMAL: UM ESTUDO DE CASO COM A BANDA EBENÉZER

VITHÓRIA DE OLIVEIRA BRAGA<sup>1</sup>; REGIANA BLANK WILLE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [vithoria.music@gmail.com](mailto:vithoria.music@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [regianawille@gmail.com](mailto:regianawille@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é referente a um projeto de pesquisa em desenvolvimento que tem como campo de estudo uma banda cristã atuante na cidade de Pelotas, RS. A Banda Ebenézer é formada por 30 instrumentistas de diversos naipes e 16 coristas que se apresentam em eventos sociais religiosos ou não. O grupo tem ensaios semanais com aulas coletivas de teoria e prática instrumental em turno inverso. A pesquisa busca compreender como se dá o processo de ensino musical coletivo em espaço não-formal de educação musical. Para isso, é necessário conhecer o projeto de ensino em sua estrutura e funcionamento, identificar a metodologia adotada pelos professores, e perceber as dificuldades que atravessam o ensino coletivo abrangente. Pesquisar sobre esse processo significa contribuir para a expansão de novos horizontes na educação musical, levando em conta as peculiaridades do ensino coletivo ao contemplar diferentes conhecimentos prévios dos alunos e a ampla faixa etária da turma em um ambiente que não é propriamente educacional.

As discussões acerca do ensino coletivo têm ganhado espaço no cenário da educação musical brasileira ao longo dos últimos anos. Segundo CRUVINEL (2004), o ensino coletivo é uma das alternativas para democratização do ensino musical e um meio de transformar a realidade dos educandos e consequentemente, a da sociedade. Assim, entende-se que ensinar música em grupo proporciona uma importante troca de saberes e renovação de ideias.

Ao mesmo tempo, é preciso lidar com a educação não-formal, que muitas vezes pode transmitir uma ideia equivocada de descontinuidade no processo de ensino. GADOTTI (2005) concorda que esses espaços (não-formais) são, de fato, mais flexíveis, menos hierárquicos ou burocráticos. No entanto, o autor destaca que “a educação não-formal é também uma atividade educacional organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema formal” (GADOTTI, 2005, p. 2). É um modelo de ensino que busca compreender o tempo e o espaço de cada educando.

Sabemos da importância de uma abordagem ampla, acolhedora, abrangente às diversidades culturais e sociais para uma educação de qualidade. Essa percepção vai além do gosto musical de nossos alunos, pois também abrange a construção de suas identidades enquanto sujeitos. Assim, é um grande desafio propor um ensino coletivo não-formal capaz de contemplar todas as diferentes realidades em sala de aula.

## 2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do presente projeto, que visa compreender o processo de ensino musical coletivo em espaço não-formal de educação, foi adotada a metodologia de estudo de caso, que investiga um fenômeno contemporâneo em seu contexto, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto puderem não ser claramente evidentes (YIN, 2001).

Tal metodologia divide opiniões quanto à sua relevância para a área de pesquisa. Para alguns, pode ser um processo inferior quando comparado a investigações de maior abrangência. No entanto, LAVILLE e DIONNE (1999) defendem que

[...] a vantagem mais marcante dessa estratégia de pesquisa repousa é claro, na possibilidade de aprofundamento que oferece, pois os recursos se vêem concentrados no caso visado, não estando o estudo submetido às restrições ligadas à comparação do caso com outros casos (LAVILLE e DIONNE, 1999, p. 156).

Esse é apenas um dos pontos positivos que configuram o estudo de caso. Deve-se levar em conta que qualquer elemento a ser investigado certamente terá fatores comuns a outros possíveis objetos de pesquisa. As técnicas de coleta de dados utilizadas permitiram um olhar mais aprofundado acerca do objeto de estudo. Entendeu-se que através de observações e entrevistas parcialmente estruturadas seria possível obter dados mais seguros e confiáveis.

Para que houvesse êxito, a observação seguiu alguns critérios com olhar direcionado para aquilo que se pretendia alcançar. Foram observadas aulas e ensaios do grupo. As entrevistas parcialmente estruturadas foram realizadas com o coordenador do grupo, com os professores atuantes no projeto de ensino e alguns alunos selecionados de acordo com seus diferentes saberes e vivências musicais. A finalidade deste procedimento foi a compreensão das diversas vertentes e peculiaridades que compõem o todo.

Quanto à análise dos dados adotou-se o conceito de análise qualitativa definido por LAVILLE e DIONNE (1999) como abordagem que conserva a forma literal dos dados, ou seja, permite que o pesquisador perceba especificidades de determinado conteúdo através de seus elementos e das relações entre eles. Por isso a importância de analisar os dados de forma qualitativa, estabelecendo um elo entre os mesmos.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento, os dados foram coletados e estão em análise. No entanto, já é possível observar que as dificuldades encontradas no processo em questão são muitas. Por ser um projeto relativamente novo ainda não há um programa de ensino definido. Algo que também vale destacar é que todos os alunos participantes têm a mesma aula de teoria musical independentemente do nível de conhecimento prévio na área.

Ainda chama à atenção algo muito peculiar do projeto quanto às aulas práticas de instrumento. Foi possível observar que alguns dos professores atendem alunos com instrumentos diferentes simultaneamente, ou seja, em uma mesma turma tem um aluno aprendendo a tocar violão pela primeira vez e ao seu lado outro com um teclado ou flauta. É algo que parece difícil administrar e que pode comprometer o rendimento individual dos alunos.

Apesar desses fatores, é interessante perceber como os alunos cooperam entre si e agregam conhecimentos às práticas em conjunto. Segundo um dos professores entrevistados, “ensinar também é aprender. Às vezes, mais aprender do que ensinar” (Professor 1, p. 4). É um ciclo que permite ao professor refletir e reinventar sua prática docente.

#### **4. CONCLUSÕES**

Pensar no ensino coletivo de música em ambientes inovadores é um grande desafio. Observar isso na prática com um público-alvo tão variado é inspirador. Precisamos traçar caminhos para a realidade que queremos. É possível democratizar o ensino e transformar realidades a partir da educação musical.

Com os resultados finais dessa pesquisa será possível propor novas alternativas para o ensino coletivo e toda a abrangência que ele exige. Um verdadeiro professor é aquele que busca incansavelmente o bom efeito de sua prática para todos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUVINEL, F. M. Projeto de Extensão “Oficina de Cordas da EMAC/UFG”: O ensino coletivo como meio eficiente de democratização da prática instrumental. In: Encontro Nacional de ensino coletivo de instrumentos musicais, 1., Goiânia, 2004, **Anais...** Goiânia: Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, 2004. p. 68.

GADOTTI, M. A questão da educação formal/não-formal. In: InstitutInternational dês droits de l'enfant (ide): droit à l'éducation: solution à touslesproblèmes ou problèmesanssolution?, Sion, 2005, **Anais...** Suíça: Instituto Internacional dos Direitos da Criança, 2005, 18-22/Out., p. 1.

LAVILLE, C; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi – 2.ed. – Porto Alegre: Bookman, 2001.